Carta de Apresentação

Março, 2021

Skin In The Game

Hoje, dia 05 de março de 2021, começa a trajetória do nosso fundo multimercado global, o SIG Global Macro. Nascemos para ser uma excelente alternativa aos investidores que desejem e necessitem de retornos de longo prazo com exposição a fatores de risco localizados, em sua maior parte, fora de nossas fronteiras. É isso que fazemos bem. É isso que está em nosso DNA. É por isso que decidimos colocar nosso Skin in the Game ("SIG").

O que almejamos

O SIG Global Macro foi constituído com o intuito de ser um fundo com exposição majoritária a risco de ativos *offshore* e fonte de retornos absolutos de longo prazo. Considerando que a necessidade de diversificação no portfólio dos investidores, há muito tempo, já não é tema de debate, uma carteira que busque retornos consistentes e perenes, além de contar com diferentes classes de ativos, deve também buscar uma diversificação geográfica.

A simples troca de parte do portfólio composto exclusivamente por ativos domésticos por ativos no exterior, através da aquisição de produtos indexados, já permitiria ao investidor uma alocação de capital mais eficiente, obtendo um maior retorno considerando o mesmo nível de risco. Nossa proposta, entretanto, é a de incrementar ainda mais esta eficiência (com a entrega de alpha) navegando entre as principais geografias e ativos, através de um processo de investimento robusto, conduzido por profissionais experientes na gestão de carteiras globais.

Baseamos nossa estratégia de investimento em tendências macroeconômicas de médio/longo prazo, mas não nos furtamos de realizar eventuais desvios de rota, caso a oportunidade se apresente. Saber conjugar estas duas visões, a de curto e a de longo prazo, requer o conhecimento e a experiência que nosso time de analistas e gestores possui.

Como investimos

Diversificação, busca por assimetrias e *hedge* para cenários extremos. Estes são os pilares do que acreditamos ser a geração de retornos consistentes ao longo do tempo.

Não iremos "colocar todos os ovos na mesma cesta". Buscaremos teses de investimentos com exposição diversa em regiões geográficas, classe de ativos e retorno/risco esperado.

Não adianta tomarmos posição em um ativo, acreditando que nosso cenário vá se materializar, se o mercado já o precificou. Melhor procurarmos outra tese que ainda não foi majoritariamente incorporada aos preços. Mais uma vez, reforçamos a tese de que a *assimetria* é a chave de uma performance superior.

Surpresas e eventos raros acontecem com uma frequência maior do que boa parte da teoria preconiza. Logo, é parte inerente e importante de nossa crença de investimentos a certeza de que uma carteira equilibrada pressupõe existência de *hedges* para eventos que resultem de situações excepcionais.

Como vemos o mundo hoje

Obviamente, a pandemia causada pela Covid-19 é um fator preponderante para fundamentarmos nossa visão macroeconômica. Os efeitos humanitários, nos hábitos de consumo, na atuação dos tesouros nacionais, dos bancos centrais, dos políticos etc., são pontos nevrálgicos nesta análise. Longe de nós, tentarmos "cravar" como cada um destes fatores afetará individualmente os fundamentos econômicos e como serão suas interconexões.

Quanto mais rápido um país ou uma zona econômica estabelecer uma normalidade sanitária, mais rápido sua recuperação econômica virá. Contudo, independentemente do ritmo, nossa opinião é que as principais consequências deste processo serão:

1) Forte ampliação da oferta de moeda - os estímulos monetários, expandidos com a finalidade de mitigar os efeitos da recessão devem começar a ser revertidos, uma vez findada as medidas de isolamento social. Este aperto monetário deve ser tão mais rápido quanto maior for o crescimento. Tudo o mais constante, este fenômeno tem grandes chances de ser traduzido como elevação dos juros e valorização da moeda do país em questão. Um bom candidato aqui para liderar esse processo, seriam os Estados Unidos.

2) Um mundo mais endividado - o forte aumento do endividamento público deve ter uma reversão mais lenta, evitando que somente uma geração pague todo o custo. Esta lentidão será maior onde o crescimento é menor. Num cenário de alto endividamento público, a relação da inflação e juros vai depender da credibilidade de cada governo.

3) Maior demanda por serviços *online* em quase todos os aspectos da nossa sociedade - a mudança nos hábitos de consumo, gerados ou acelerados pela pandemia, deve permitir uma redução do custo de difusão e adoção das tecnologias digitais, devendo aumentar sua lucratividade e acelerar o seu desenvolvimento. Além disso, ao reduzir o custo de transação e informação, estas tecnologias também levarão ao aumento da competição, privilegiando o consumidor com a queda dos preços de bens e serviços. Outra consequência imediata, deve ser o fortalecimento de países ou regiões, como os Estados Unidos e a China, geradores destas inovações tecnológicas, além de os países cuja regulação interna facilite a implementação destas novas tecnologias (mais uma vez favorecendo China e Estados Unidos).

4) Uma maior desigualdade econômica (entre pessoas e países) - acreditamos que conviveremos com uma desigualdade ainda maior de renda. As pessoas com mais recursos estão passando pela pandemia com consequências (em termos de saúde física, mental e financeira) menores. Da mesma forma, poderemos expandir essa análise para países. Países com maior grau de desenvolvimento, estarão relativamente melhores em um futuro próximo. Assim como, as empresas maiores, mais robustas e líderes em seus respectivos segmentos, se beneficiarão deste cenário.

Neste mundo pós-pandemia, países menos desenvolvidos institucionalmente, como o Brasil e outros emergentes, poderão ficar em uma situação menos favorável.

No que se refere ao Brasil, baseando nossa análise nos 4 pontos abordados, o cenário se torna ainda mais desafiador. Primeiro, a situação fiscal, que já era frágil no início de 2020, devido a expansão do déficit para combater os efeitos da pandemia, se tornou ainda pior. O perfil tanto do fluxo, quanto do estoque, deixa nosso cenário nebuloso. Para manter uma certa âncora fiscal, o governo deveria tomar medidas impopulares quando o ciclo eleitoral se aproximar. Tomará? Em segundo lugar, durante o ano de 2020, o Banco Central seguiu os principais países expandindo a oferta de moeda e reduzindo os juros. A consequência foi o enfraquecimento do real, uma das moedas de países emergentes que mais se desvalorizou durante a pandemia. Como se dará a retirada deste estímulo monetário? Por fim, o Brasil é um país com grandes desigualdades. O acesso à segurança, saúde e saneamento, educação, entretenimento e emprego é muito dispare entre as classes sociais. Sairemos desta pandemia ainda mais desiguais, o que jogará contra nosso crescimento potencial.

A crescente exposição a ativos globais nos portfolios dos investidores brasileiros tem se intensificado nos últimos anos. Como vimos, a atual conjuntura do país vem a reforçar a necessidade da diversificação com ativos *offshore* no portfólio dos investidores. No entanto, a forma de acesso ainda não é trivial, restando estes produtos apenas para uma pequena parcela de poupadores. Visando transformar essa realidade, os gestores responsáveis pela condução do SIG Global Macro criaram um veículo local que garante o acesso aos retornos proporcionados por estes investimentos globais, sem perder de vista as oportunidades encontradas no mercado doméstico.

A SIG Capital não comercializa nem distribui cotas de fundos de investimento ou qualquer outro ativo financeiro. As informações contidas nesse material são de caráter exclusivamente informativo e não devem ser entendidas como oferta, recomendação ou análise de investimento. Leia cuidadosamente o formulário de informações complementares, a lâmina de informações essenciais e o regulamento antes de realizar qualquer aplicação. Os investidores devem estar preparados para aceitar os riscos inerentes aos diversos mercados em que os fundos atuam, podendo inclusive, acarretar perdas superiores ao capital aplicado, ou ainda em uma consequente obrigação do cotista de aportar recursos adicionais para cobrir o prejuízo do fundo. Dentre os principais riscos, destacam-se a utilização de derivativos para alavancagem, o investimento em ativos no exterior, variação cambial e a concentração em ativo de poucos emissores. Os investimentos em fundos não são garantidos pelo administrador, pelo gestor, ou por qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, pelo Fundo Garantidor de Crédito – FGC. Recomenda-se a análise mínima de 12 (doze) meses para a avaliação de performance de Fundos de Investimento. De todo modo, vale ressaltar que, a rentabilidade obtida no passado não representa garantia de resultados futuros. Não há garantia de que os Fundos de Investimento terão o tratamento tributário para fundos de longo prazo.

Autorregulação ANBIMA
ADESÃO PROVISÓRIA
Gestão de Recursos